

“Trabalho Infantil Doméstico na própria casa”: uma proposta de reportagem radiofônica¹

Taís Iasmine da Cruz NAKAKURA²

Vinícius Durval DORNE³

Centro Universitário Cesumar – UniCesumar, Maringá, PR

RESUMO

O Trabalho Infantil Doméstico é considerado pela legislação brasileira uma das piores formas de trabalho infantil. Mesmo assim, ainda há no país cerca de 18,5 milhões de crianças e adolescentes realizando afazeres domésticos na própria casa. Frente a esse contexto, este trabalho teve como objetivo construir uma reportagem radiofônica que promova a reflexão sobre os limites entre a “ajuda” no ambiente doméstico e a exploração, buscando problematizar essa temática ainda pouco discutida na Academia e também fora dela. A apuração foi feita por meio de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas jornalísticas com especialistas e personagens que executavam tarefas domésticas na própria casa quando crianças. Para embasar este trabalho, também foram utilizadas reflexões do filósofo francês Michel Foucault no que se refere à reprodução e naturalização dos discursos sobre o trabalho infantil.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho infantil doméstico; radiojornalismo; reprodução de discursos sociais.

1 INTRODUÇÃO

Com a saída da mulher para o mercado de trabalho – movimento que ganhou força no século passado –, pouco se alterou a responsabilidade pelos afazeres domésticos em relação ao gênero, ou seja, ainda que a mulher participe de forma igualitária no sustento do lar, ela ainda é a principal responsável pela manutenção da limpeza da casa. Esse dado pode ser verificado no estudo “Tempo, trabalho e afazeres domésticos”, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007)⁴.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria “Jornalismo”, modalidade “Reportagem em Radiojornalismo (avulso)”.

² Recém-graduada no curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – pelo Centro Universitário Cesumar – UniCesumar. E-mail: tais.nakakura@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (UNESP – campus Araraquara). Professor e coordenador dos cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Cesumar – UniCesumar. E-mail: dorne.vinicius@gmail.com.

⁴ IBGE. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tempo_trabalho_afdom_pnad2001_2005.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2016.

Todavia, nem todas as tarefas desenvolvidas pela mulher no lar puderam ser rearranjadas para o período em que ela está em casa, como o cuidado com os filhos, por exemplo. Na falta de escolas ou outras instituições que ofereçam atividades de contraturno escolar, a função de “mãe” passa, muitas vezes, para outras figuras femininas da casa, como as filhas mais velhas. Estas nem sempre têm idade e maturidade para exercer esse papel que, não raramente, é acompanhado da execução das tarefas domésticas.

O levantamento mais recente do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI)⁵ com os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, indica que, em 2011⁶, aproximadamente 18,5 milhões de pessoas com idade de cinco a 17 anos realizavam tarefas domésticas na própria casa. Na época, esse número representava 50,2% das crianças e adolescentes nessa faixa etária.

A atribuição de tarefas de casa às crianças e adolescentes revela-se como uma prática comum e que nem sempre é alvo de reflexão. Isso se dá, muitas vezes, em razão do caráter pedagógico que a sociedade atribui ao próprio labor (CUSTÓDIO, VERONESE, 2009). De acordo com Foucault (2006), isso está relacionado também com os discursos colocados em circulação que afirmam a necessidade do ingresso no mundo produtivo o mais cedo possível – discursos que, de tão (re)produzidos e naturalizados socialmente, são aceitos como verdade.

Dentro desse contexto, configurou-se a problemática: “Como produzir uma reportagem radiofônica capaz de refletir sobre quando e por que o trabalho doméstico realizado por crianças dentro da própria casa pode ser considerado exploração infantil?”. Buscou-se compreender e esclarecer para o público a diferença que existe entre a divisão de tarefas dentro de casa e atribuição de responsabilidades de adulto a seres que ainda não atingiram essa fase de desenvolvimento. Espera-se, dessa forma, colaborar para a reflexão de práticas institucionalizadas que poderiam ser revistas.

A partir das entrevistas realizadas com especialistas na área da infância, pôde-se concluir que a co-participação na organização do lar não é considerada como trabalho infantil doméstico (TID). Este, na verdade, caracteriza-se pela carga excessiva de trabalho ou de responsabilidades atribuídas à criança ou ao adolescente, principalmente, se

⁵ FNPETI. O Trabalho Infantil Doméstico no Brasil. Disponível em: <<http://www.fnpeti.org.br/arquivos/biblioteca/c053a0d7537657af8b2a384c3bc545e9.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2015

⁶ Até a finalização deste projeto, esse levantamento do FNPETI foi o último a incluir na pesquisa a questão dos afazeres domésticos.

comprometer a frequência e aproveitamento escolar, ou os momentos de lazer (VIVARTA, 2003).

É preciso deixar claro que existe também o trabalho infantil doméstico realizado na casa de outras pessoas, seja ele remunerado ou não, mas que esse não foi o foco deste projeto. A temática “trabalho infantil doméstico realizado no âmbito da própria casa” visa, sobremaneira, refletir sobre uma área em que a exploração é ainda menos perceptível já que acontece no próprio lar e muitas vezes não é entendida como tal.

Muitas são os prejuízos causados pelo trabalho precoce, Kassouf (2007, p.344), aponta, por exemplo, a baixa frequência escolar, que culmina no pior desempenho na escola e acaba por “[...] limitar as oportunidades de emprego [no futuro] a postos que não exigem qualificação e que dão baixa remuneração”. Isso é causado tanto pelo desgaste da criança quanto pela “necessidade” de trabalhar em detrimento de estudar.

Não obstante, os malefícios do trabalho infantil doméstico vão além do aspecto da oportunidade de estudo ou trabalho futuro. Na Lista das Piores Formas de Trabalho Infantil, estabelecida pelo Decreto Federal nº 6.481 (BRASIL, 2008), ele também é citado como perigoso porque envolve diversos riscos e problemas à saúde, conforme o quadro 1:

SERVIÇO DOMÉSTICO	
Prováveis Riscos Ocupacionais	Prováveis Repercussões à Saúde
Esforços físicos intensos; isolamento; abuso físico, psicológico e sexual (a lista se refere tanto ao trabalho intrafamiliar, quanto na residência de outras pessoas); longas jornadas de trabalho; trabalho noturno; calor; exposição ao fogo, posições anti-ergonômicas e movimentos repetitivos; tracionamento da coluna vertebral; sobrecarga muscular e quedas.	Afecções musculoesqueléticas (bursites, tendinites, dorsalgias, sinovites, tenossinovites); contusões; fraturas; ferimentos; queimaduras; ansiedade; alterações na vida familiar; transtornos do ciclo vigília-sono; DORT/LER; deformidades da coluna vertebral (lombalgias, lombociatalgias, escolioses, cifoses, lordoses); síndrome do esgotamento profissional e neurose profissional; traumatismos; tonturas e fobias.

Quadro 1 – Perigos da atividade doméstica às crianças. Fonte: Decreto Federal nº 6.841/2008. Adaptado.

Por todos esses prejuízos, o trabalho infantil doméstico na própria casa não pode ser/continuar sendo naturalizado. É preciso analisar a realidade para além da aparência inocente do trabalho precoce no próprio lar e procurar alternativas que valorizem as

crianças e adolescentes como sujeitos de direitos. Com esse foco, foi desenvolvida a reportagem “Trabalho Infantil Doméstico: a exploração dentro da própria casa”, para a disciplina de “Projetos Experimentais em Jornalismo”, a fim de contribuir, socialmente e politicamente, para o debate público da temática.

2 OBJETIVOS

Produzir uma reportagem radiofônica sobre trabalho doméstico realizado por crianças e adolescentes dentro da própria casa, que problematize essa prática e indique possíveis caminhos para superação dessa situação.

3 JUSTIFICATIVA

A reportagem desenvolvida justifica-se pela abordagem de um tema pouco explorado, tanto na literatura (CUSTÓDIO, VERONESE, 2009) quanto nos materiais jornalísticos (VIVARTA, 2003). Embora tenha recebido pouca atenção acadêmica e midiática, o trabalho infantil doméstico realizado no âmbito da própria casa merece ser discutido, pois, ainda que seja comum, é classificado pela legislação brasileira (Decreto nº 6.481/2008) como uma das piores formas de trabalho infantil, o que indica que a atividade pode prejudicar a saúde, a segurança e/ou a moral das crianças (OIT, 1999).

Dentre as diferentes mídias possíveis, foi o escolhido o rádio, porque este é capaz de formar imagens na mente do ouvinte. Segundo Ortriwano (1985) e McLeish e Silva (1999), esse recurso possibilita o envolvimento do ouvinte e pode ser mais interessante do que na televisão, por exemplo, porque essas imagens não são limitadas pelo que a câmera captou, mas “[...] são do tamanho que você quiser” (MCLEISH, SILVA, 1999, p.15).

Outro recurso do rádio, e que é a base das transmissões desse meio, é a voz. McLeish e Silva (1999) destacam que ela é capaz de transmitir sentimentos e ideias por meio de entonações e ritmos que podem tornar a mensagem mais clara ao ouvinte e criar efeitos interessantes.

Já a reportagem, entendida como o aprofundamento, contextualização e problematização de um fato (BESPALHOK, 2006), é útil para a discussão do tema, porque a questão do trabalho infantil doméstico dentro da própria casa já é pouco discutida e não poderia ser tratada de forma superficial.

Assim, o desenvolvimento de uma reportagem que promova uma visão holística do assunto buscou permitir ao público repensar práticas comuns, como a atribuição de cargas e tarefas de adultos a crianças e também refletir sobre a importância da infância no desenvolvimento humano. Com isso, espera-se também que a reflexão promova a mudança de hábitos no que se refere à exploração do trabalho infantil doméstico.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

Para a produção do material, a primeira etapa cumprida foi a realização da pesquisa bibliográfica, entendida por Stumpf (2006), como um conjunto de procedimentos usados com o objetivo de levantar informações, selecionar os documentos que podem ser úteis ao trabalho e também analisar os dados obtidos. Em relação ao embasamento teórico, a pesquisa teve como foco a conceituação do que é trabalho infantil doméstico na própria casa, bem como as causas e consequências dessa prática, e as possíveis alternativas.

Na produção prática, o conhecimento da bibliografia referente ao tema permitiu o aprofundamento, contextualização e problematização do assunto, facilitando a elaboração dos roteiros de entrevista e dando à jornalista um direcionamento mais claro sobre a temática. No que se refere à problematização do assunto, as ideias de Foucault (2006) sobre a naturalização dos discursos e relações de poder foram de fundamental importância.

Paralelamente à pesquisa bibliográfica, foi utilizada a análise documental como método de pesquisa para a produção do memorial descritivo e do produto. Moreira (2006, p.271) define essa metodologia como a “[...] identificação, a verificação e apreciação de documentos para determinado fim”. Documentos, nesse caso, referem-se tanto às informações oficiais (documentos e relatórios governamentais, dados de institutos de pesquisa) quanto às fontes secundárias (matérias jornalísticas, almanaques, catálogos). Tal metodologia é importante no desenvolvimento do produto e do memorial porque possibilita o levantamento de informações para entender o perfil e a realidade do objeto analisado.

Para além da reflexão propiciada por tais pesquisas, para a produção do material radiofônico, também foi essencial usar como instrumento de coleta de informações a entrevista jornalística. Utilizando a classificação dada por Lage (2001), foram utilizadas para a composição da reportagem entrevistas temáticas e testemunhais. A primeira se refere àquela realizada com especialistas no tema investigado, e a testemunhal, com pessoas que tenham presenciado ou participado de um fato.

As entrevistas temáticas foram realizadas com representantes de órgãos de defesa dos direitos da criança e do adolescente e pesquisadores da área da infância. No caso dos entrevistados de fora de Maringá, foi utilizado o software “Skype”, que permite realizar chamadas de áudio e vídeo; e um *software* de gravação do áudio das chamadas.

Após realizar as entrevistas, foi necessário ouvi-las e fazer a marcação das falas, para facilitar a elaboração do roteiro. Na sequência, as trilhas e efeitos sonoros foram selecionados, os *offs* gravados e a passou-se então para a edição da reportagem.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem radiofônica “Trabalho Infantil Doméstico: a exploração dentro da própria casa” tem a duração de 13 minutos. O formato reportagem permitiu maior liberdade criativa na construção do material, pois, nele, os elementos da linguagem radiofônica – a saber: a voz, música, silêncio e efeitos sonoros – podem ser explorados para levar ao ouvinte informações que vão além das palavras (PRADO, 1989; SILVA, 2009).

Como o objetivo da produção era elaborar uma reportagem que problematizasse a questão do trabalho infantil doméstico na própria casa, foram criadas algumas divisões temáticas a fim de permitir a compreensão não só do que é o TID, mas do contexto em que ele se (re)produz e o impacto disso. Dessa forma, a reportagem traz a “fala” de especialistas na busca de um conceito de TID na própria casa, um levantamento das causas e consequências dessa prática e a visão dos entrevistados sobre o que pode ser feito para prevenir e combater a exploração doméstica.

Produzido sob a orientação do professor Doutor Vinícius Durval Dorne, o produto foi pensado para um público jovem/adulto, por possibilitar que esses pais ou futuros pais reflitam sobre o impacto do trabalho infantil doméstico dentro da própria casa e não reproduzam essa realidade com os filhos. Como é um tema que vai além dos limites do município de Maringá, optou-se por uma abordagem geral, que trouxesse “vozes” de especialistas de todo o Brasil.

A reportagem foi desenvolvida para ser veiculada em uma emissora de rádio educativa: a Rádio Universitária UniCesumar (94,3 FM), que tem como objetivo, entre outros, a veiculação de conteúdos jornalísticos em profundidade principalmente com foco em temáticas de interesse público. Não obstante, como a produção traz uma problemática

que afeta crianças e adolescentes de todo o país, o material também foi disponibilizado na internet, no site de arquivos de áudio *SoundCloud*⁷.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o Trabalho Infantil Doméstico seja visto como natural por uma parcela da sociedade, a produção da reportagem mostrou que é um problema social que merece atenção. A visão de que o trabalho, desde muito cedo, ajuda a família, esconde longas jornadas, riscos de acidente e privação de oportunidades no presente e no futuro das crianças e adolescentes, alimentando o ciclo intergeracional da pobreza.

As entrevistas com especialistas também revelaram que o TID é um problema de gênero: os dados do IBGE (2005) indicam que, em qualquer faixa etária, a mulher é a maior responsável pela execução das tarefas domésticas no próprio lar, mesmo quando tem jornada de trabalho fora de casa com duração igual ou superior à dos homens da família. Essa situação decorre, entre outros fatores, da atribuição desigual de responsabilidades domésticas entre meninos e meninas, logo na infância (VIVARTA, 2003).

Produzir a reportagem foi um desafio, por ser um tema com pouca bibliografia e discussão, porém, os caminhos apontados pelos entrevistados indicam que é possível construir uma realidade em os pequenos possam ser tratados como sujeitos de direitos. No entanto, para que isso aconteça, é preciso informar a sociedade para que ela, juntamente com o governo e os educadores, comprometam-se com a erradicação do trabalho infantil não apenas doméstico, mas em todas as formas.

REFERÊNCIAS

BESPALHOK, Flávia L. B. Reportagem radiofônica: as possibilidades do vivo e do diferido na construção de um rádio informativo diferenciado. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da UnB**, 29., 2006, Brasília. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; 6 a 9 de setembro de 2006.

BRASIL. **Decreto n.º 6.481**, de 12 de junho de 1999. Regulamenta convenção 182 da OIT que trata das piores formas de trabalho infantil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm>. Acesso em: 29 mar. 2015.

⁷ <https://soundcloud.com/s-rie-de-reportagens-trabalho-infantil-dom-stico/tid-a-exploracao-dentro-da-propria-casa-versao-reduzida>

CUSTÓDIO, André Viana; VERONESE, Josiane Rose Petry. **Crianças esquecidas: o trabalho infantil doméstico no Brasil**. Curitiba: Multidéia, 2009.

FNPETI. **O Trabalho Infantil Doméstico no Brasil**. Disponível em: <<http://www.fnpeti.org.br/arquivos/biblioteca/c053a0d7537657af8b2a384c3bc545e9.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: estratégia poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

IBGE. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tempo_trabalho_afdom_pnad2001_2005.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2016.

KASSOUF, Ana Lúcia. O que conhecemos sobre o trabalho infantil? **Nova Economia (UFMG)**, Belo Horizonte, v. 17, p. 323-350, 2007, mai./ago. 2007.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MCLEISH, Robert; SILVA, Mauro. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1999. p. 15-24.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 269-279.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Convenção n.º 182, de 17 de junho de 1999. Disponível em: <http://www.oit.org.br/sites/all/ipecc/download/conv_182.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2015.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1985. p. 78-83.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada**. 2. ed. São Paulo, Annablume, 1999.

STUMPF, Ida Regina C.. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61.

VIVARTA, Veet (Coord.). **Crianças Invisíveis: o enfoque da imprensa sobre o Trabalho Infantil Doméstico e outras formas de exploração**. São Paulo: Cortez, 2003. Série Mídia e Mobilização social. v.6.